



Jaci Maraschin: teólogo e pioneiro na educação, na música e na representação

Oswaldo Kickhofel*

O Conselho editorial de *Inclusividade* pediu-me que fizesse um levantamento das principais atividades que Jaci Correia Maraschin exerceu na Igreja Episcopal Anglicana do Brasil. Aceitei a incumbência com um misto de alegria e de homenagem a quem tanto fez pela igreja e pela educação teológica no Brasil. O roteiro que sugeri incluía o tempo de estudante, a ordenação sacerdotal, as igrejas que pastoreou, a atuação no campo da educação cristã, as atividades acadêmicas na igreja e fora dela, a contribuição musical e as inúmeras representações que exerceu no país e no exterior. Orientei-me mais ou menos por este escopo, embora ficasse na dependência das informações e elementos disponíveis para a pesquisa. E como se trata de um personagem importante, não resisti à tentação de ultrapassar os limites do simples levantamento de dados, e por isso acrescentei algumas idéias e comentários que ele começou a escrever já no início de seu trabalho ministerial.

Seja como for, espero ter atendido parcialmente o pedido do ilustre editor, embora sabendo que escrever sobre homens de reconhecida expressão intelectual e humana significa incorrer em involuntários riscos de omissão e injustiça. Por mais que se pesquise nos documentos existentes, por mais que se busquem dados, referências ou informações, mesmo com a ajuda de terceiros, e por maior que seja o tempo disponível para realizar a tarefa, nunca se chegará a um resultado satisfatório e justo, tendo em vista a extensa e valiosa contribuição do personagem em tela, sobretudo quando suas atividades e influência ultrapassam as fronteiras da denominação a que pertence, tanto no plano nacional quanto no plano internacional.

Conheci Jaci Maraschin depois que ele voltou dos Estados Unidos em meados de 1956. Eu era um tímido e ignaro estudante secundarista, recém chegado do interior, e nessa condição fui por algum tempo seu auxiliar de escritório no Departamento de Educação Cristã e na revista *Flâmula* em Porto Alegre. Nada sabia a respeito dele antes desse tempo. No Seminário ouvia contar que tinha sido umeísta¹ na Matriz do Crucificado de Bagé e que fazia parte de um pequeno grupo de jovens artistas e intelectuais, que se reunia no salão da igreja para discutir arte moderna, escrever e declamar poesias, fazer teatro e produzir belas peças em artes plásticas.

Estudante

* Presbítero aposentado e pesquisador em história da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil. É autor de *Notas Para Uma História da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil* (1995) e *Catedral do Mediador* (2000), entre outros.

¹ Membro da antiga UME (União da Mocidade Episcopal)



Jaci Correia Maraschin nasceu no dia 12 de dezembro de 1929 em Bagé, no Rio Grande do Sul, onde fez o curso ginasial no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora. Estudou depois no Instituto José Manuel da Conceição, em Jandira, São Paulo, onde completou o curso pré-teológico e o curso de regência musical. Nesse tempo, escreveu um artigo (talvez o primeiro de tantos que produziu depois) sobre a Ordem da Flor de Liz para a revista *Flâmula*. Na Matriz do Crucificado havia surgido, em 1943, um capítulo dessa ordem para meninos e meninas de 9 a 15 anos de idade. Essa meninada tinha seu próprio programa de ação e fazia parte de uma ordem de verdade, da qual ele no seu tempo de menino provavelmente tenha participado. À semelhança dos monges e freiras das ordens maiores, os meninos e as meninas de Bagé também tinham suas regras e princípios básicos que eram três: pureza pessoal, lealdade à Igreja e serviço ao próximo.

Como na segunda metade da década de quarenta haviam surgido novos sodalícios juvenis, quase todos com nomes diferentes, foi realizado, em 1948, um congresso geral da Ordem da Flor de Liz na Matriz do Crucificado, com o objetivo de unir em um só esforço os esforços da juventude, padronizando o trabalho juvenil. O jovem Maraschin queria que todos os sodalícios juvenis da igreja adotassem o nome do grupo de Bagé. Nessa época ele já era aspirante ao ministério ordenado e compôs a música e escreveu a letra do hino do congresso, que foi um sucesso.

Em 1951 ingressou no Seminário Teológico em Porto Alegre. Nesse mesmo ano, foi nomeado para representar a Igreja Episcopal como delegado oficial no III Congresso Latino Americano de Juventude Evangélica, promovido pela União Latino Americana da Juventude Evangélica (ULAJE), em Buenos Aires. A nota curiosa foi que a delegação brasileira que era formada por mais de 30 jovens de várias denominações, não conseguiu chegar a tempo, em virtude de uma greve dos aviões brasileiros, surgida no último momento, ficando retida em Porto Alegre. Por isso, no culto de abertura, o Brasil esteve representado apenas pelo jovem Jaci Maraschin, que fez a leitura bíblica em português, na Igreja Metodista Central. Ele havia viajado por Uruguai e Paso de los Libres e chegado a Buenos Aires de navio. Nesse mesmo ano, como seminarista, foi nomeado redator e depois diretor responsável pela revista *Flâmula*, então uma importante publicação mensal dos jovens, fundada em 1946 pelo Rev. Virgínio Pereira Neves. Exerceu cumulativamente essas funções até 1953. Escrevia poemas, artigos, reportagens e entrevistas para a revista e musicava letras, inclusive a do hino da mocidade.

Ordenação

Concluído o curso de teologia em 1953, começou a integrar as fileiras do clero da Diocese Sul Ocidental em 30 de novembro de 1953, festa de Santo André, quando foi ordenado ao diaconato, na Igreja da Ascensão, em Porto Alegre, pelo bispo Egmont Machado Krischke. Foi logo nomeado coadjutor interino da Paróquia da Redenção em São Gabriel, no Rio Grande do Sul. Uma de suas primeiras iniciativas foi lançar um movimento de reavivamento espiritual na comunidade paroquial,



introduzindo ofícios matutinos e vespertinos diários. O jovem diácono queria que a adoração fosse o ponto central da vida dos membros da igreja. Um apreciável número de paroquianos acompanhava o jovem ministro nesses momentos de comunhão com Deus.

Outra inovação introduzida por ele foi a observância das festas litúrgicas e dias santos prescritos no Livro de Oração Comum. Nessa segunda iniciativa havia a mesma preocupação da inovação anterior: intensificar a vida espiritual da comunidade. Ele achava que a Igreja não devia ser uma simples sociedade domingueira, completamente desligada da presença de Deus. Os cristãos não estavam testemunhando com vigor a essência daquilo que o Cristianismo sempre proclamou desde o início. Nas igrejas apáticas e silenciosas durante a semana havia algo de simbólico, o símbolo de uma religiosidade desligada da vida diária, uma espécie de lassidão espiritual profunda. Mas, por outro lado, naquelas igrejas abertas, que viviam incorporadamente, havia também algo de simbólico, mas com um sentido exatamente inverso. As celebrações diárias e a abundância de ofícios religiosos eram verdadeiros sermões vivos, proclamando ao mundo a necessidade de Deus na vida diária comum, em cada momento, em cada problema moderno, em cada situação da existência humana. Destes dois símbolos, sem dúvida, o segundo era o mais conveniente².

Na Páscoa de 1954, convidou o rev. Herman Affonso Di Brande, capelão do Colégio Cruzeiro do Sul de Porto Alegre, para celebrar a santa eucaristia. O ofício foi realizado às 6 horas da manhã, sendo ainda escuro e estando a igreja iluminada com luz de velas e círios no altar. Foram usadas pela primeira vez vestes eucarísticas, revestindo a festa da ressurreição de extraordinária beleza. A utilização desse tipo de paramento e a colocação de velas e círio pascal no altar eram práticas ainda desconhecidas pela maioria das paróquias brasileiras. De espírito inovador e criativo, Maraschin não imaginava que suas inovações iriam provocar não só uma controvérsia cerimonialista, mas também um salutar reavivamento litúrgico nos anos seguintes. O Livro de Oração Comum era o principal vínculo entre as igrejas anglicanas e tinha grande importância na interpretação do culto e da doutrina para as outras igrejas. Obedecer sua liturgia era essencial para o bom estado da igreja. O bispo Egmont Machado Krischke recebeu com entusiasmo o reavivamento litúrgico que começava a surgir nas comunhões incorporadas das paróquias e na redescoberta da natureza coletiva do culto público. Por esse tempo, Maraschin começou a escrever com regularidade para o jornal da igreja, o *Estandarte Cristão*. Seu primeiro artigo apareceu na edição de abril de 1954, abordando, entre outros temas, nossa catolicidade e o conceito de seita, que muitas vezes era atribuído às igrejas não romanas no Brasil.

Nos Estados Unidos

² Estandarte Cristão, janeiro de 1955, p. 4



No dia 2 de agosto de 1954, foi ordenado ao presbiterado na mesma igreja onde havia iniciado seu ministério diaconal no início do ano. Não ficou muito tempo em São Gabriel. Seguiu em setembro para os Estados Unidos para fazer curso de pós-graduação no Seminário Geral de Nova York, obtendo o grau de Mestre em Teologia. De lá escreveu vários artigos para o *Estandarte Cristão* e para a revista *Flâmula* sobre a igreja americana e sobre os movimentos de renovação anglo-católica que aconteciam por lá. A Igreja Episcopal que era identificada no início de sua história no Brasil como uma igreja de linha evangélica, com acentuadas características protestantes e tinha no jovem presbítero um escritor criativo e inovador, e às vezes crítico, que procurava descobrir a herança católica do Anglicanismo, ainda pouco conhecida e aceita no Brasil. Seus escritos prenunciavam o futuro teólogo promissor que veio posteriormente: "Havia um evidente apelo para que a vida intelectual dos povos crescesse e aumentasse dentro das infinitas limitações do Cristianismo. A igreja se unia à cultura para demonstrar aos homens a limitação de seus próprios esforços e a necessidade de um espírito humilde no campo das ciências".³

Fez parte da delegação brasileira que participou da Convenção Geral da Igreja Episcopal dos Estados Unidos, em Honolulu, em 1955, sobre a qual escreveu algumas reportagens. Escreveu também sobre a vida das paróquias americanas, destacando as semelhanças e as diferenças com as do Brasil. A época era muito parecida em alguns aspectos com a de hoje. Os conflitos e preconceitos nas comunidades se davam devido à exagerada atenção atribuída à emoção. Maraschin abordava temas que ainda hoje são atuais. Já naquele tempo, o conflito entre razão e emoção preocupava a Igreja. Vivia-se numa sociedade doentia e a doença tendia a derrotar os princípios cristãos. A corrupção do ambiente incluía a corrupção do raciocínio. As pessoas se deixavam levar mais pelas emoções do que pela razão. No entanto, a razão sempre foi um dom de Deus. Fomos feitos para pensar, para raciocinar, para refletir. Afirmamos que todas as pessoas são iguais e têm os mesmos direitos. É uma declaração baseada na razão. Mas a sociedade dava mais valor ao emocional. Portanto, defender a razão fazia parte da responsabilidade dos cristãos. Os problemas sociais não seriam resolvidos com uma religião cor-de-rosa, baseada no sentimentalismo. Naquela época e como em muitos lugares ainda hoje, a pregação era um mero contar emocional de histórias, insuficiente para transmitir o significado da fé. A teologia precisava estar presente. A falta de teologia na pregação era sinal de fraqueza da Igreja. Segundo Maraschin, a teologia era a interpretação da fé para o mundo contemporâneo, a Igreja falando para os problemas sociais e religiosos de maneira profética, baseada no Evangelho e na experiência das gerações que nos antecederam.⁴

Educação Religiosa

³ Estandarte Cristão, dezembro de 1954, p.7

⁴ Estandarte Cristão, fevereiro de 1955, p. 3



Em meados de 1956 Maraschin retorna dos Estados Unidos e é nomeado pelo Sínodo para o cargo de Secretário de Educação Religiosa do Conselho Nacional, com escritório estabelecido em Porto Alegre. Juntamente com a missionária Carman St. John Wolff, desenvolveu trabalhos especiais nas paróquias e missões da igreja, realizando reuniões com os párocos, líderes leigos, membros das juntas paroquiais, diretores de sodalícios e professores da escola dominical. Trabalhou na elaboração de um novo currículo de educação religiosa para a escola dominical. Queria um currículo que fosse ao encontro das exigências locais da cultura, da tradição, do temperamento e da religiosidade do povo brasileiro. Não era mais possível escrever em Nova York um curso ou programa de educação religiosa para as crianças brasileiras. O currículo precisava levar em consideração as reações naturais dos alunos. Observação e experiência eram elementos essenciais nesse trabalho.

O novo currículo proposto procurava relacionar os fatos com a fé e compeli-los os cristãos à participação leal na vida da Igreja em um processo envolvente diante da realidade do Cristo vivo, e responder afirmativamente ao seu chamado, assumindo suas conseqüências, tanto na comunidade religiosa como na esfera secular. A paróquia era o lugar por excelência desse crescimento em Cristo. Era um processo de certa forma globalizante, que não se limitava à escola dominical. Toda a vida paroquial fazia parte do processo. As crianças não eram mais consideradas como meros apêndices da Igreja. Daí a importância do culto da família, da relação da igreja com o lar, dos grupos de estudos e de um currículo de educação cristã para todas as idades. A teologia passou a ser vista em termos de vida e não como mero conceito abstrato. "Assistir" aos ofícios religiosos passou a significar "participar". Maraschin foi um dos líderes e pioneiros desse processo de mudança.

Por isso escrevia para o jornal da igreja sobre o novo programa, enfatizando a importância do lar na formação cristã dos filhos, a necessidade de mudança no programa existente, a importância do ambiente no processo do crescimento religioso, a participação da família nos ofícios divinos, o significado do Batismo e da Confirmação, a Eucaristia como ato central de adoração e o novo currículo de educação religiosa de acordo com as exigências locais de cultura, tradição e temperamento do povo brasileiro. Exerceu o cargo de Secretário de Educação Religiosa até 1961, acumulando também o de Secretário Executivo da União da Mocidade Episcopal (UME) até 1960 e o de diretor responsável pela revista *Flâmula* até 1962.

Professor de Teologia

Em 1959 transferiu-se para a Diocese Meridional para ser também professor do Seminário Teológico em Porto Alegre e depois em São Paulo. Em setembro de 1964, viajou com a família para Estrasburgo, na França, onde foi recebido na Universidade local como candidato ao grau de doutor em Ciências da Religião, com bolsa de estudo do Conselho Mundial de Igrejas. Matriculou-se e frequentou cursos em três faculdades. Na Faculdade de Letras conquistou um certificado prático de estudos



franceses. Na Faculdade de Teologia Católica seguiu alguns cursos de interesse bíblico e ecumênico. Mas seu trabalho principal se desenvolveu na Faculdade de Teologia Protestante, onde cumpriu as exigências para a obtenção do grau de doutoramento. Dois anos depois (1966), recebeu o grau de Doutor em Ciências da Religião, na área da Teologia Dogmática, por ter defendido tese sobre a teologia de Frederick Denison Maurice. A defesa da tese foi pública perante uma banca de três professores que, depois de três horas de arguição, declarou aceita a tese, ajuntando-lhe a mais alta menção *Magna Cum Laude*. Foi o primeiro clérigo brasileiro a receber esse galardão de uma universidade européia.

Aproveitou sua estada na França para visitar alguns países da Europa Oriental, entre eles a então Tchecoslováquia, Polônia e Hungria, onde celebrou a eucaristia na capela da Embaixada Britânica em Budapeste. Trabalhou por quase dois meses na paróquia anglicana de Viena, Áustria, no período de férias. De volta ao Brasil, retomou suas atividades acadêmicas como professor no Seminário Teológico em São Paulo, lecionando Música, Educação Religiosa, Teologia Sistemática e História do Pensamento Cristão. Era também bibliotecário e diretor da área de Relações Externas. Auxiliava também na cadeira de Teologia Pastoral e dirigia uma tutoria de filosofia.

Funções e representações

Maraschin foi o representante oficial do nosso Seminário Teológico quando da criação da Associação dos Seminários Teológicos Evangélicos (ASTE) em 1962. Nesse mesmo ano, participou da Conferência Internacional de Educação Religiosa em Belfast, Irlanda, promovida pelo Conselho Mundial de Igrejas. Na ocasião, esteve em Portugal, possibilitando que a Igreja Lusitana recebesse pela primeira vez a visita de um clérigo brasileiro.

Representou a Igreja Episcopal Anglicana do Brasil no Simpósio Sobre Educação Teológica promovido pela Associação dos Seminários Teológicos Evangélicos, em 1963, tendo sido um dos conferencistas. No mesmo ano, participou do Congresso Anglicano, no Canadá. Representou também a Igreja Episcopal Anglicana do Brasil no Congresso de Evangelização realizado em 1969, em Bogotá, Colômbia. Na casa do bispo anglicano da Colômbia, durante uma celebração eucarística, tocou sua *Missa Brasileira* em ritmo de samba.

Foi membro da Comissão de Diálogo com a Mocidade nomeada pelo Sínodo em 1967 e membro da Comissão de Relações Ecumênicas do Sínodo em 1967, 1973, 1975, 1980, 1986 e 1988. Representou a Igreja Episcopal Anglicana do Brasil na Consulta Anglicana Sul Americana que criou o Conselho Anglicano Sul Americano (CASA) em Lima, Peru, em 1973. Também representou a Igreja Episcopal Anglicana do Brasil junto à Confederação Evangélica do Brasil em 1975.

Foi eleito, em 1976, membro da Comissão Fé e Ordem do Conselho Mundial de Igrejas, formada por eminentes teólogos de diferentes denominações e regiões do



mundo. Participou em 1978 como conferencista do I Congresso Anglicano Latino Americano, no Panamá, tendo falado sobre Espiritualidade. Trabalhou em diversas comissões nacionais e internacionais, entre elas a Comissão Fé e Ordem do Conselho Mundial de Igrejas e a Comissão Internacional de Teologia e Doutrina da Comunhão Anglicana. Foi consultor teológico do Conselho Consultivo Anglicano e membro da Comissão Internacional Anglicana Católica Romana.

Maraschin representou a IEAB em muitos outros encontros por diversas partes do mundo durante seus cinquenta anos de ministério.

Cursos e Conferências

Foi um dos palestrantes da Semana Ecumênica promovida pelo Seminário Teológico em São Paulo. Na ocasião, afirmou: "as crises na igreja são legítimas por causa da situação ambígua do homem. Ficamos frustrados quando não conseguimos alcançar a igreja idealizada. A tentação da Igreja é a tentação de Jesus no deserto. Ela pensa que o diabo é o senhor do mundo. E se o diabo é mesmo o rei do mundo, então não consegue pregar e viver o evangelho, dizendo que não tem nada a ver com o mundo. Por isso cuida das coisas do céu e não da terra".⁵

Proferiu uma série de conferências sobre o Panorama da Teologia Anglicana no Instituto de Teologia da PUC de Porto Alegre. O mesmo tema e programa foram repetidos no Seminário Cristo Rei de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul. Em novembro de 1969, ministrou um curso sobre a Missão da Igreja no Brasil no Instituto Nacional de Pastores da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), formado por padres, freiras e leigos, alguns do exterior, a convite do diretor da entidade, sediada no Rio de Janeiro.

Participou ativamente na organização, administração e legalização do Colégio Anglicano de Santo Amaro em São Paulo, que funcionava nas dependências do Seminário Teológico. Em junho de 1971, proferiu um ciclo de conferências teológicas no Seminário Presbiteriano de Campinas sobre Sociologia, Teologia da Esperança, Novas Perspectivas Teológicas na Igreja Romana, a Teologia na América Latina.

Participou da reunião do Fundo de Educação Teológica do Conselho Mundial de Igrejas, em Genebra, em 1972. Em 1974, passou um mês na Holanda a convite da Comissão Central de Missões da Igreja Reformada Holandesa, participando de conferências sobre Missão da Igreja na América Latina. Na ocasião, falou também a um grupo de pastores e pregou em doze igrejas no norte da Holanda. Foi a primeira vez que um clérigo anglicano percorreu igrejas reformadas nos Países Baixos. Em 1975, foi um dos cinco teólogos que colaboraram na publicação dos fascículos *As Grandes Religiões*, da Editora Abril, escrevendo sobre a Reforma, o Protestantismo na América Latina e a Igreja Anglicana.

⁵ Estandarte Cristão, maio de 1969, p. 15.



Em 1976, foi eleito membro da Comissão Fé e Ordem do Conselho Mundial de Igrejas, formada por renomados teólogos de diferentes igrejas e regiões do mundo. No Japão, em 1977, cumpriu intenso programa de intercâmbio entre a Igreja Episcopal do Brasil e a Igreja Episcopal do Japão, onde se reuniu com a Câmara dos Bispos; foi hóspede do Seminário Teológico onde fez conferências; participou de reuniões com o clero; falou em diversas igrejas e visitou algumas universidades. No mesmo ano, foi o responsável pela Secretaria de Liturgia e Música da Diocese Sul Central, hoje Diocese Anglicana de São Paulo.

Participou de várias reuniões internacionais da Comissão Fé e Ordem do Conselho Mundial de Igrejas, na Índia, a partir de 1978. No mesmo ano, participou de reunião de teólogos latino americanos, em Buenos Aires, para estudar o documento conjunto anglicano-católico romano sobre Autoridade na Igreja.

Em 1979, participou de um encontro internacional de Educação Teológica do III Mundo, em Manila, nas Filipinas, tendo sido o único representante da América Latina. No mesmo ano, participou da conferência do Conselho Mundial de Igrejas sobre Fé, Ciência e Futuro da Humanidade. Em 1981, participou da primeira reunião da Comissão Teológica Internacional, criada pelo Conselho Consultivo Anglicano, em Londres, a convite do Arcebispo de Cantuária.

De 1984 a 1987 foi membro da Junta Nacional de Educação Teológica (JUNET), órgão responsável pela educação teológica da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil. Em 1984, participou como convidado da VI Reunião do Conselho Consultivo Anglicano, em Lagos, Nigéria.

Foi membro da Comissão Permanente de Fé e Ordem do Conselho Mundial de Igrejas. Na reunião dessa Comissão na Noruega em 1985 coordenou a redação do documento Fé e Renovação. Foi assessor teológico convidado da reunião do Conselho Consultivo Anglicano e membro da Comissão Teológica Doutrinária Inter-Anglicana, na Irlanda. Foi membro do Conselho Editorial da Agência Ecumênica de Notícias (AGEN). A nova agência, criada em 1986, tinha por objetivo redigir e distribuir material informativo sobre o compromisso das igrejas evangélicas com a sociedade brasileira na linha da teologia da libertação.

Traduziu e publicou, em 1986, o relatório "*Por Causa do Reino*", documento básico sobre teologia anglicana, produzido pela Comissão Internacional Anglicana de Teologia e Doutrina, da qual era membro. Esta Comissão, criada em 1981, era formada por 15 eminentes teólogos de diferentes partes do mundo. Nesse mesmo ano, participou da reunião do Programa de Educação Teológica da Diocese do Panamá. Em 1986 visitou a União Soviética, a convite do Patriarca de Moscou, em companhia de outros 12 cristãos de diferentes igrejas e lugares, num programa coordenado pelo Conselho Mundial de Igreja, com o objetivo de conhecer a vida religiosa do país.



Em 1988, representou a Igreja Episcopal Anglicana do Brasil no Encontro Sobre Música e Liturgia, realizado em San José, Costa Rica, patrocinado pelo Conselho Mundial de Igrejas. O encontro contou com a presença de importantes músicos, compositores e teólogos de várias partes do mundo. Falou sobre *Os Sons da Liturgia*. No mesmo ano, participou como conferencista convidado de um ciclo de conferências sobre Crise de Autoridade na Comunhão Anglicana, realizado no Trinity Institute, em Nova York, e dirigiu uma classe de estudos para membros da Trinity Church sobre as características do Anglicanismo no Brasil. Foi Consultor Teológico da Conferência de Lambeth de 1988. Participou também de reunião da Divisão de Renovação Paroquial do Conselho Mundial de Igrejas, na Costa Rica, em 1989.

Foi membro e conferencista da VIII Reunião do Conselho Consultivo Anglicano, reunido no País de Gales em 1990. Advogou novas formas de crescimento em comunhão entre os anglicanos, que ultrapassam as fronteiras das tradicionais estruturas de comunhão, indo às raízes da igreja, ao povo, onde o Espírito Santo cria novas formas de vida.

Nesse mesmo ano, participou como representante da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil do grupo de trabalho do Departamento de Fé e Ordem do Conselho Mundial de Igrejas, nas reuniões de Paris e Madri, que produziu o documento BEM (Batismo, Eucaristia e Ministério), e da reunião de Boston, que trabalhou sobre o tema "Fé Apostólica". Participou da conferência mundial das Associações de Instituições de Educação Teológica e de outra reunião de assessoria litúrgica e música da Assembléia Geral do Conselho Mundial de Igrejas, em Genebra.

Em 1991, foi membro do Conselho Internacional de Assessoria ao Observador Anglicano nas Nações Unidas a convite do Arcebispo de Cantuária. Foi o primeiro latino americano a fazer parte como membro da Comissão Internacional Anglicana Católica Romana (ARCIC). Foi também membro do Conselho Consultivo Anglicano e da VII Assembléia Geral do Conselho Mundial de Igrejas em Camberra, Austrália, como assessor teológico.

Participou da reunião da Comissão Internacional Anglicana Católica Romana (ARCIC II), realizada em Veneza, Itália, em 1993 e em todas as reuniões posteriores. Foi vice-presidente da Conferência Mundial das Associações de Instituições Teológicas. Em 1995, fez parte da Comissão de Diálogo Ecumênico entre a Igreja Episcopal Anglicana do Brasil e a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. A partir da segunda metade da década de noventa, escreve para a coluna Rosa dos Ventos no *Estandarte Cristão*, abordando temas variados do mundo anglicano. Editou *Celebração da Vida*, em três línguas, para o Encontro Internacional Anglicano de Mulheres, realizado na Bahia. Ministrou também um curso especial de Liturgia e Música Sacra no Seminário Teológico da Igreja Metodista Livre, na Vila Mariana, na cidade de São Paulo.



Secretário-geral da ASTE

Em 1970, foi eleito para o cargo de Secretário Geral da Associação dos Seminários Teológicos Evangélicos (ASTE). Foi um dos primeiros clérigos a trabalhar fora da Igreja Episcopal, numa época em que era difícil para as congregações e juntas paroquiais aceitarem um pároco de tempo parcial ou livre e não remunerado pela igreja. Como secretário geral da Associação dos Seminários Teológicos Evangélicos, acumulou várias funções, que iam desde a publicação de textos teológicos, como a revista *Simpósio*, até a realização de cursos programados para as igrejas filiadas, mas nunca se desligou totalmente de uma paróquia de sua igreja de origem. Exerceu esse importante cargo durante 24 anos, tendo sido reeleito sucessivamente por cinco vezes.

Contribuição Musical

Maraschin estudou música em São Paulo, em Porto Alegre e em Nova York. Sua contribuição musical é grande e pioneira. Em 1959, foi nomeado membro da comissão que organizou e publicou o Hinário Episcopal de 1962. O trabalho da comissão, que se estendeu por três anos, revisou os hinos mais cantados dos vários hinários em uso nas paróquias; selecionou os melhores hinos cantados em outras terras e traduziu os que podiam ser aproveitáveis em nossa igreja; organizou o hinário de acordo com as quadras eclesiásticas, aproveitando o trabalho musical de comissões idôneas em música sacra como o Hymnal 1940, o The English Hymnal e o Hinário Evangélico. Foi o responsável pela música no Seminário Teológico e um grande incentivador e orientador dos festivais de música sacra realizados na década de 50 e na primeira metade da década de 60. Foi dirigente do coral da Catedral da SS. Trindade e da Paróquia da Ascensão, ambas de Porto Alegre, e da Paróquia do Redentor de Pelotas, e organizador do primeiro festival diocesano de música sacra, quando apresentou em primeira audição sua *Missa de São Francisco de Assis*.

Fez parte da comissão organizadora do I Congresso Nacional da Igreja Episcopal, realizado em Porto Alegre, em 1960, do qual foi o responsável pela música, tendo ensaiado e dirigido o grande coral formado por vários corais das paróquias da capital e do interior do estado. Fez também parte da Comissão de Artes Plásticas e Poesia Ilustrada do referido congresso.

Em 1971, coordenou um encontro de compositores de música sacra como parte de uma série de encontros preparatórios que a Associação dos Seminários Teológicos Evangélicos estava promovendo antes do Simpósio sobre o Culto no Brasil. Nessa época era o Secretário de Liturgia e Música na Diocese Anglicana de São Paulo.

Coordenou o programa de estudos, pesquisa e experimentação "Liturgia e Arte", ligado ao Instituto Ecumênico de Pós Graduação em Ciências da Religião do Instituto Metodista de Ensino Superior em São Paulo. Suas composições para o canto



das comunidades cristãs brasileiras fazem parte de hinários e cancionários batistas, católicos romanos, luteranos, metodistas e presbiterianos, tendo sido também editadas em vários países, entre eles Alemanha, Canadá, Costa Rica, Estados Unidos, França, Holanda e Suíça. Com Simeu Monteiro editou a coletânea *A Canção do Senhor na Terra Brasileira* (ASTE, 1982) e com Odair Pedroso Mateus, seu sucessor no cargo de secretário geral da Associação dos Seminários Teológicos Evangélicos, editou *Jesus Cristo, Vida do Mundo*. Foi também o editor da coletânea *O Novo Canto da Terra*, publicado em 1987, com cânticos brasileiros (textos e músicas) seus e de outros autores.

Em 1989, publica em Genebra um livro de músicas brasileiras que foi traduzido para o inglês com o título de *Brazilian Song of Worship*. Publicado para a Subcomissão Encarregada da Renovação e da Vida Congregacional do Conselho Mundial de Igrejas, este livro teve também uma versão em espanhol. Nesse mesmo ano, participou de um laboratório experimental sobre música litúrgica promovido pelo Departamento de Missão Mundial e Evangelização do Conselho Mundial de Igrejas, em Genebra. Foi também membro da Comissão de Liturgia e Música na VII Assembléia Geral do Conselho Mundial de Igrejas, em 1991.

Paróquias pastoreadas

Maraschin iniciou seu ministério pastoral na Paróquia da Redenção, em São Gabriel, Rio Grande do Sul, no final de 1953, não chegando a completar um ano, pois seguiu em setembro de 1954 para os Estados Unidos. Em 1970 foi clérigo assistente na Paróquia de São João, em Pinheiros, São Paulo, capital, onde era o encarregado dos cultos e atividades em língua portuguesa nas mesmas condições de um pároco, exercendo um trabalho em equipe. Depois em 1984, durante nove anos, dirigiu a Comunidade da Libertação, ligada à Diocese Anglicana de São Paulo, na capital paulista, onde começou a fazer novas experiências litúrgicas e introduzir novos estilos de vida comunitária numa perspectiva ecumênica. Foi também responsável pelas atividades pastorais na Missão da Santa Cruz em São Paulo, capital, e ministro encarregado da Missão de Santo André, em Campinas, São Paulo.

Para finalizar

Em 1975, foi eleito diretor da Faculdade de Comunicação Social do Instituto Metodista de Ensino Superior de Rudge Ramos, SP, por sua longa experiência no campo da editoração.. É autor de um dos capítulos do livro *Ideologia e Poder no Ensino da Comunicação*, publicado em 1979 pela Editora Cortez & Moraes, em São Paulo, em que questiona o novo currículo das faculdades de comunicação social do ponto de vista filosófico.

Foi o editor responsável de duas importantes revistas teológicas: *Simpósio e Estudos de Religião*, a primeira da ASTE e a segunda do Instituto Ecumênico de Pós Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo. Em 1991,



publica *Igreja a Gente Vive*, uma introdução ao pensamento de Frederick Denison Maurice. É também de sua autoria *A Beleza da Santidade*, um ensaio de liturgia publicado pela Associação dos Seminários Teológicos Evangélicos, em 1996, em reconhecimento e gratidão por sua preciosa contribuição à renovação da vida eclesial, à formação ministerial e à pesquisa teológica no Brasil.

Atualmente é professor de tempo integral na Faculdade de Filosofia e Ciências da Religião na Universidade Metodista de São Paulo, lecionando nos cursos de mestrado e doutorado de Pós-Graduação em Ciências da Religião e no Curso de Filosofia. É também editor da revista *Correlatio*, da Sociedade Paul Tillich no Brasil. É membro também da Sociedade Paul Tillich da França, da Alemanha e dos Estados Unidos. Tem feito conferências e colóquios internacionais patrocinados por essas sociedades. Dirige ainda o mais novo grupo de pesquisa da UESP sobre Religião e Pós-Modernidade. Colabora com a revista *Inclusividade*, publicada pelo Centro de Estudos Anglicanos (CEA), do qual também é assessor teológico e acumula o cargo de professor da Universidade Metodista de São Paulo.

É casado com Ana Dulce Pithan, filha do bispo Athalício Theodoro Pithan. O casal tem duas filhas: Ana Isabela e Rosa Maria, e quatro netos.